

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

TCHERNÓBIL: UMA TRAGÉDIA QUE DEVE SER FALADA.¹ CHERNOBYL: A TRAGEDY WHICH MUST BE TALKED ABOUT

Aline Da Silva Jurack²

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso Psicologia da Unijuí

² Aluna do curso de graduação de Psicologia da Unijuí - alinejurack@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O acidente na Usina de Tchernóbil é considerado o maior acidente com substâncias radioativas da história. O mundo aparenta ter esquecido as consequências que a explosão ocasionou nas vidas das pessoas que lá viviam e no bioma do local. Pessoas foram tiradas de seus lares, com o intuito de voltar, porém não voltaram. Não entendiam a real situação, na verdade, ninguém entendia. Porém, as gerações que vieram sentiram.

O presente artigo vem lembrar esta tragédia, como forma de testemunho (Seligmann-Silva, 2008), juntando dados e relatos do acidente que parece estar entrando em esquecimento. O trabalho foi construído a partir da premissa de que é necessário lembrar, recordar, narrar, para que tragédias como essa não se repitam.

METODOLOGIA

A metodologia desta investigação é uma pesquisa bibliográfica. Enquanto aspecto da psicologia das emergências e dos desastres, o tema foi consultado em artigos e obras recentes. Tomou-se como base autores que têm se dedicado a compreender tais acontecimentos na contemporaneidade, tais como Seligmann-Silva (2008). A pesquisa acerca da contextualização do acontecimento foi construída a partir de pesquisa na internet, coleta de dados acerca da prevenção, preparação, resposta e reconstrução, assim como testemunhos de sobreviventes. Utilizou-se, principalmente, a obra de Aleksievitch (2016) para os relatos de acontecimentos sobre o desastre.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Acidente

Na cidade de Pripjat, no norte da Ucrânia, ocorreu “no dia 26 de abril de 1986, à 1h 23 min 58, uma série de explosões destruiu o reator e o prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Tchernóbil” (ALEKSIÉVITCH, 2016). O incêndio, causado pela explosão, “durante 10 dias e lançou imensas quantidades de materiais radioativos no meio ambiente da região, bem como por extensas áreas da Europa (BBC, 2016)” e pelo mundo, contaminando a água, ar e terra.

O acidente ocorreu durante um “teste no sistema de alimentação Automática de Combustível do Reator, com o objetivo de economizar energia” (DISCOVERY CHANNEL, 2006). As primeiras

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

vítimas de Tchernóbil foram 2 homens que morreram na explosão e 28 homens nos meses seguintes (DISCOVERY CHANNEL, 2006). “A Organização Mundial da Saúde estima que 4 mil pessoas tenham morrido em decorrência da exposição. O Instituto de Radiologia de Kiev admite 31 mortos e 50.000 contaminados, com níveis de radiação capazes de matar no longo prazo” (UOL, 2016). Porém relatórios contestam estes dados, alegando que foram maquiados. Teriam mais responsáveis pela tragédia, porém foram acusadas e julgadas somente seis pessoas.

Em consequência da ação da radiação, “a cada ano cresce no país o número de doentes de câncer, de deficientes mentais, de pessoas com disfunções neuropsicológicas e com mutações genéticas”(ALEKSIÉVITCH, 2016, p.10). As inspeções médicas revelam que sete pessoas estão doentes de cada dez pessoas, nas áreas mais afetadas com a contaminação. A zona rural do país virou cemitério.

A partir da Classificação dos desastres quanto à intensidade (LOPES, 2010), o desastre de Tchernóbil pode ser classificado como sendo de nível IV. Foi um desastre que alcançou a dimensão de grande porte, não sendo superado e suportável pela comunidade desta área afetada.

A partir da tragédia em Tchernóbil, países começaram a refletir sobre os riscos e os problemas de segurança da utilização de energia nuclear. Novas regras começaram a ser seguidas para evitar novas catástrofes (UOL, 2016). Somente em novembro de 2001, os geradores 1, 2 e 3 foram desativados definitivamente - sendo que foram reativados após a construção do “sarcófago”.

As ações de respostas demoraram 30 horas para acontecer, mais de mil ônibus foram enviados para os habitantes serem evacuados, começaram a ingestão de pílulas de iodo. A população achava que eram medidas temporárias, que dentro de alguns dias retornariam. As autoridades, para evitar pânico, esconderam a real situação. Uma área em torno de 30 km da Usina foi evacuada, 130 mil pessoas deixaram seus lares. (DISCOVERY CHANNEL, 2006). Os russos não confiavam no governo, após a coletiva de Hans Blix, passaram a acreditar. Foram informados sobre o acidente, sabiam que a situação era grave (DISCOVERY CHANNEL, 2006). A população foi em busca de informação em livros, porém, eles desapareceram das bibliotecas (ALEKSIEVITCH, 2016).

Perceberam que o reator tinha que ser totalmente isolado, para isso construíram um “sarcófago”, de concreto e aço, de 170 metros de largura e 66 de altura. No início da construção do “sarcófago”, utilizam robôs, porém eles começavam a apresentar defeitos e foram substituídos por homens - chamados de Bio-robôs. Ao término da construção do “sarcófago” foram reativados os outros reatores e foi anunciado o fim da União Soviética (DISCOVERY CHANNEL, 2006). Com o decorrer dos anos o “sarcófago” apresentou rachaduras e liberava gases, por conta disto, necessitou-se construir outra estrutura. A nova estrutura foi construída perto da usina e após foi posta por cima da antiga, pesa 20.000 toneladas e chega a 108 metros de altura.

“Vozes de Tchernóbil”

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para a narração. A literatura é chamada diante do trauma para presta-lhe serviço (SELIGMANN- SILVA, 2008).

Svetlana Aleksiévitich escreveu o livro “Vozes de Tchernóbil”, onde dá voz aos testemunhos e relatos de viúvas, trabalhadores, cientistas, soldado, pessoas comuns (muitos residindo na zona de contaminação) e dela própria. Sendo uma jornalista, era questionada a escrever sobre Tchernóbil, já que era de lá, porém “não sabia como escrever sobre isso”, antes ela escrevia sobre o “sofrimento dos outros”, agora ela fazia “parte do acontecimento” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.40).

Aleksiévitich desejou relatar em seu livro “o que chamaria de história omitida os rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo”, pois sobre o desastre em si “foram escritos milhares de páginas e filmados centenas de milhares de metros em película” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.40). Demorou 10 anos para concluir o livro. Questionava-se sobre do que era testemunha, “do passado ou do futuro” (pag. 39),

Mas olho para Tchernóbil como para o início de uma nova história; Tchernóbil não significa apenas conhecimento, mas também pré-conhecimento, porque o homem pôs em discussão a sua concepção anterior de si mesmo e do mundo. Quando falamos de passado e futuro, imiscuímos nessas palavras a nossa concepção de tempo, mas Tchernóbil é antes de tudo uma catástrofe do tempo (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 39).

Os conhecimentos naquela época não davam conta da real situação da tragédia, ninguém sabia a real dimensão. Um exemplo disto é que quando a cidade de Pripjat foi evacuada, “as únicas pessoas que ainda estavam na cidade, eram os militares e Membros da Delegação Científica, reunidos no Hotel Pripjat. Como se ignorassem o perigo, eles comiam, dormiam e trabalhavam ali, tranquilamente” (DISCOVERY CHANNEL, 2006). A população idosa, principalmente, presenciou a 2ª Guerra Mundial, não acreditavam que havia um perigo invisível. E as autoridades não tinham tempo para explicar a real situação para as pessoas.

As pessoas que vivem na zona de contaminação, que não quiseram abandonar seus lares, por vezes foram expulsas pelas autoridades, mas retornaram a noite, através dos bosques. Relatam que “já viveram e sofreram de tudo” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 79). Ao darem seus relatos, lembram e temem a Guerra. “Queria esquecer. Esquecer tudo... Esquecer... Eu pensava que o acontecimento mais terrível da minha vida já tinha passado. A guerra. Que já estava protegido, já estava a salvo. A salvo graças ao que sabia, ao que tinha vivido. Mas...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 57).

Há talvez um, dois livros e acabou-se. Você acha que é mera casualidade? O acontecimento ainda está à margem da cultura. É um trauma da cultura. E a nossa única resposta é o silêncio. Fechamos os olhos como crianças pequenas e acreditamos que assim nos escondemos, que o horror não nos alcançará. Há alguma coisa que assoma do futuro, mas é

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

algo que não sintoniza com os nossos sentimentos. Nem com a nossa capacidade de sentir. Se você conversa com alguém, essa pessoa começa a contar e te agradece por tê-lo escutado. Não te fará entender, mas pelo menos você o ouviu. Porque ele mesmo não entendeu... Assim como você... Já não gosto de ler ficção científica...Então, o que é melhor: lembrar ou esquecer? (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 130-131)

A partir dos relatos encontrados, percebe-se que a população sente-se desamparada pela situação. "O trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa" (SELIGMANN-SILVA, 2008). Em decorrência disto, transmite este desamparo para as novas gerações. "Da guerra regressou a geração "perdida", de Tchernóbil vive a geração "desorientada" (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 224). Culpam todos os problemas vividos atualmente, ao acidente, gerando o que chamam de Síndrome de Tchernóbil (BBC, 2002).

Eu tenho um irmãozinho pequeno. Ele adora brincar de "Tchernóbil". Constrói um abrigo, cobre de areia o reator. Ou então se veste de espantalho e corre atrás de todo mundo: "Uh-uh-uh! Eu sou a radiação! Uh-uh-uh! Eu sou a radiação!". Ele ainda não existia quando aquilo aconteceu. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 348)

Muitas mulheres têm medo de engravidar, as que engravidam têm seus receios de como será o bebe e muitas relatam que não querem engravidar,

Quando trazem a criança para amamentar, tem medo: "Eu vivo perto de Tchernóbil. Eu peguei aquela 'chuva negra'". Elas me contam os sonhos: um bezerro que nasceu com oito patas, um cachorrinho com cabeça de ouriço. Uns sonhos estranhos. Antes as mulheres não tinham esses sonhos. Eu nunca tinha escutado. E já tenho trinta anos de experiência como parteira. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 225-226)

Para a população resta o sentimento de "o que é melhor, lembrar ou esquecer?" (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 129). Com a atual situação do mundo, seria melhor lembrar, antes que vivamos situações de guerra, novamente. "A única coisa que não mudou foi o sofrimento humano. O nosso único capital. Intocável" (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 224).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da revisão bibliográfica, foram encontradas contradições sobre o acidente, pelo fato da Ucrânia pertencer a União Soviética naquela época, as informações eram confidenciais ou pouco divulgadas. Principalmente os dados referentes aos números de mortos e contaminados pela radiação.

Contudo, a partir das informações encontradas percebe-se que ainda tem muitas informações a serem divulgadas. Esta lacuna acaba gerando mais sofrimentos a população. Sofrem os efeitos da

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

exposição à radiação, mas estes efeitos não são aceitos. São ditos como sendo normais os cânceres e as anomalias, gerando um sofrimento físico e psíquico.

A Psicologia das Emergências e Desastres vem para contribuir nas fases do desastre, não ficando restrita na primeira fase. Não se obteve dados sobre a atuação de psicólogos com as vítimas de Tchernóbil. A atuação do profissional é fundamental no sentido de oferecer espaço às narrativas como forma de testemunho, viabilizando caminhos de elaboração do traumático.

Palavras-chaves: Testemunho; Sofrimento psíquico; Psicanálise; Psicologia.

Keywords: Testimony; Psychic suffering; Psychoanalysis; Psychology.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CUNHA, Carolina. **Ucrânia: Tragédia na usina nuclear de Chernobyl completa 30 anos**. Disponível em: Publicado em: 29 de abril de 2016 Acessado em: 15 de abril de 2017.

DISCOVERY CHANNEL. **O Desastre de Chernobyl**. Ano 2006. Disponível em: Acessado em: 15 de abril de 2017

LOPES, Daniela da Cunha (ETAL). **Gestão de riscos e desastres: Contribuições da Psicologia**. Florianópolis: CEPED, 2010.

RAVSBERG, Fernando. **Crianças de Chernobyl são tratadas em Cuba**. Disponível em: Publicado em: 13 de fevereiro, 2002 Acessado em: 23 de abril de 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Vol. 2º, N. 1, P. 65 - 82. Rio de Janeiro: Psic. Clin. 2008

Veja como está Chernobyl, 30 anos após pior acidente nuclear da história. Publicado em: 26 abril 2016. Disponível em: < <http://www.bbc.com> > Acessado em: 08 de abril de 2017.